

Nome: _____

Produção textual - poesia

A proposta de produção textual de hoje é bastante livre: você deve produzir um poema inspirado em alguma das referências deste material. Há muitas opções! Você pode:

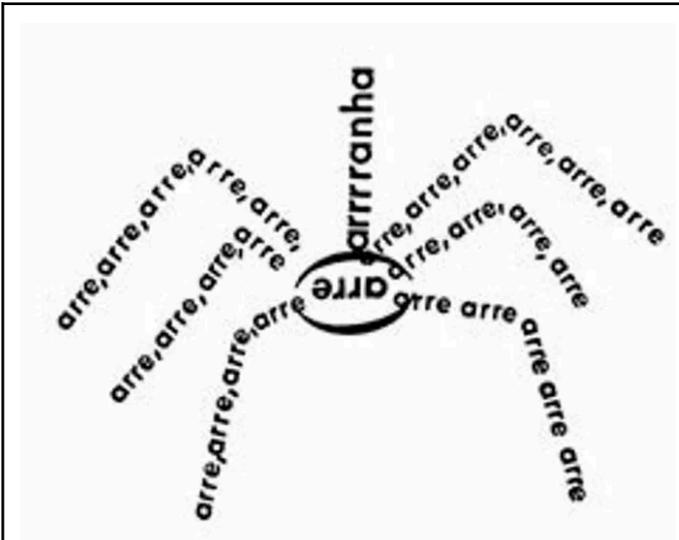
- escrever uma versão ou paródia de algum dos poemas;
- produzir um poema a partir de alguma notícia recente, como no exemplo de Manuel Bandeira;
- criar sua versão do poema “Prazeres”, de Bertolt Brecht;
- criar um poema visual;
- contar uma história em forma de poesia, com linguagem poética e jogos de linguagem;
- descrever algum objeto de forma poética, como fez Mário Quintana com o relógio;
- criar um haicai a partir da observação da natureza (quem sabe ilustrar também?);
- produzir uma poesia utilizando a ideia de anúncio, como Roseane Murray;
- refletir sobre a própria linguagem poética, como observamos nos poemas
- explorar diferentes temas: amor, questões sociais, medos, desilusão, vida familiar, horror...

Essas são somente algumas ideias, mas você pode criar outras possibilidades: deixe a criatividade fluir! Neste momento, você não deve se preocupar com conceitos teóricos sobre lírica, mas procure explorar o ritmo e a musicalidade, pensar em imagens poéticas, utilizar figuras de linguagem... Lembre-se de que é um exercício de escrita literária!

<p>Prazeres</p> <p>O primeiro olhar da janela de manhã O velho livro de novo encontrado Rostos animados Neve, o mudar das estações O jornal O cão A dialética Tomar ducha, nadar Velha música Sapatos cômodos Compreender Música nova Escrever, plantar Viajar, cantar Ser amável.</p> <p>(Bertolt Brecht)</p>	<p>Classificados poéticos</p> <p>Menino que mora num planeta azul feito a cauda de um cometa quer se corresponder com alguém de outra galáxia. Neste planeta onde o menino mora as coisas não vão tão bem assim: o azul está ficando desbotado e os homens brincam de guerra. É só apertar um botão que o planeta Terra vai pelos ares... Então o menino procura com urgência alguém de outra galáxia para trocarem selos, figurinhas e esperanças.</p> <p>(Roseana Murray)</p>
---	--

<p>Poema tirado de uma notícia de jornal</p> <p>João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro Bebeu Cantou Dançou Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.</p> <p>(Manuel Bandeira)</p>
--

<p>Relógio</p> <p>O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família.</p> <p>(Mário Quintana)</p>	<p>Torneira</p> <p>Quem abre a torneira convida a entrar o lago o rio o mar</p> <p>(Ana Martins Marques)</p>
---	---



Aranha, de Salette Tavares



Ronaldo Azeredo

Um poema

Não tenhas medo, ouve:
É um poema
Um misto de oração e de feitiço...
Sem qualquer compromisso,
Ouve-o atentamente,
De coração lavado.
Poderás decorá-lo
E rezá-lo
Ao deitar
Ao levantar,
Ou nas restantes horas de tristeza.
Na segura certeza
De que mal não te faz.
E pode acontecer que te dê paz...

(Miguel Torga)

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

(Cecília Meireles)

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

(Carlos Drummond de Andrade)

Até o fim

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Inda garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim

Eu bem que tenho ensaiado um progresso
Virei cantor de festim
Mamã contou que eu faço um bruto sucesso
Em Quixeramobim
Não sei como o maracatu começou
Mas vou até o fim

Por conta de umas questões paralelas
Quebraram meu bandolim
Não querem mais ouvir as minhas mazelas
E a minha voz chinfrim
Criei barriga, minha mula empacou
Mas vou até o fim

Não tem cigarro, acabou minha renda
Deu praga no meu capim
Minha mulher fugiu com o dono da venda
O que será de mim?
Eu já nem lembro pronde mesmo que vou
Mas vou até o fim

Como já disse era um anjo safado
O chato dum querubim
Que decretou que eu tava predestinado
A ser todo ruim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

(Chico Buarque)

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

(Adélia Prado)

A mãe

A mãe
trocou de roupa.
A saia virou calça;
os sapatos, botas;
a pasta, mochila.
Já não canta cantigas de ninar,
canta canções de protesto.
Vai despenteada e chorando
um amor que a envolve e assombra.
Já não ama somente seus filhos,
nem se dá somente a seus filhos.
Leva suspensas nos peitos
milhares de bocas famintas.
É mãe de meninos maltrapilhos
de molequinhos que rodam pião em calçadas
empoeiradas.
pariu a si mesma
sentindo-se — às vezes —
incapaz de suportar tanto amor sobre os ombros,
pensando no fruto de sua carne
— distante e sozinho —
chamando por ela na noite sem resposta,
enquanto ela responde a outros gritos,
a muitos gritos,
mas sempre pensando no grito solitário de sua
carne
que é um grito a mais nessa gritaria de povo que a
chama
e lhe arranca até os próprios filhos
de seus braços.

(Gioconda Belli)

<p>A MORTE SEM PEDÁGIO</p> <p>A morte pode vir de súbito Sem ureia nem colesterol Feito um cadáver em decúbito A boca cheia de formiga Aberta e negra contra o sol.</p> <p>Ou pode vir mais lenta e pânica Como em desastres de avião Onde nossa matéria orgânica Se gruda às fimbrias dos destroços A carne e os ossos da explosão.</p> <p>Como também pode ser ígnea Espessa e ascensional Como no incêndio de um edifício A morte cruel, sem artifício Mais pura e trágica e difícil.</p> <p>Ou pode ser a morte frágil Propícia à arte de filmar Como no caso de um naufrágio Onde sucumbe quem for sábio E sobrevive quem rezar.</p> <p>(Vinicius de Moraes)</p>	<p>Versos Íntimos</p> <p>Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão – esta pantera – Foi tua companheira inseparável!</p> <p>Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera.</p> <p>Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja.</p> <p>Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!</p> <p>(Augusto dos Anjos)</p>
<p>O ar. A folha. A fuga. No lago, um círculo vago. No rosto, uma ruga.</p> <p>(Guilherme de Almeida)</p>	<p>Olha, Entre um pingo e outro A chuva não molha.</p> <p>(Millôr Fernandes)</p>
<p>Uma aldeia pobre, ao pé da serra de inverno — mina antiga de ouro</p> <p>(Goga Masuda)</p>	<p>Aconchegantes, Os raios do sol de inverno — Mas que frio!</p> <p>(Onitsura)</p>